Vida MUNDIAL Ilustrada

ANO I—N.º 12—7 DE AGOSTO DE 1941—PREÇO: 1 ESC.

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

MARIA DOMINGAS, um rosto portuguesíssimo e uma artista talentosa, na protagonista do novo filme do realizador Jorge Brum do Canto, «Lobos da Serra».

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
MANUEL L. RODRIGUES
AUGUSTO PINTO
S. SCHMULEVITZ

ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
EDUARDO DIAS
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA
MANUELA DE AZEVEDO

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MARIA ARCHER
GRACIETTE BRANCO
BRAMÃO DE ALMEIDA
MÁRIO BARROS
Etc.

GEOGRAFIA PRÁTICA

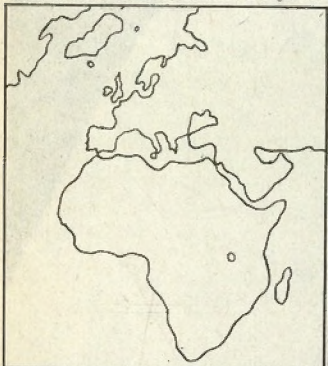
As pessoas que vivem hoje têm, sôbre as que morreram há vinte e cinco anos, uma superioridade incontestável: possuem, da geografia, conhecimentos mais vastos e mais pormenorizados.

A Itália revelou-nos a Abissinia: cidade por cidade, vila por vila, monte por monte. Quem antes da conquista da Etiópia — à parte uma restricta minoria de especialistas — sabia que a capital dêsse país se chamava Adís-Abeba? E que havia aglomerados de palhotas cujos nomes fôram pronunciados por muitos milhões de pessoas em tôdas as latitudes e longitudes? (Gondar, Dessié, Harrare e Axum?).

A recente luta, que parece estar no fim, entre italianos e ingleses, veio tornar ainda mais consistentes os nossos conhecimentos do país.

Da Espanha, aqui vizinha, ficámos a conhecer quási tôdas as cidades e vilas das suas regiões. Em volta de Madrid, então, alcançámos um conhecimento minucioso a ponto de sabermos, de côr, nomes de terras pequeninas, — incluindo nelas os mais modestos aglomerados de casas.

Da França, quási esquecemos nesta guerra o que aprendemos na outra. Tudo se passou tão ràpidamente que nada ou quási nada pudemos reter. Em compensação, devido à iniciativa dos italianos e ao concurso dos gregos, estamos a saber muito da Albânia. Da Iugoslávia ficámos com o que sabíamos. Da Grécia, não aprendemos muito.

Da Cirenaica, italianos e ingleses deram-nos uma lição emotiva e rápida. Em pouco tempo, aprendemos todo o litoral, de Sollum a Benghasi. Não tardou muito sem recebermos nova lição, sôbre o mesmo têma, igualmente rápida e também emotiva com italianos, alemães e ingleses.

Raschid depois de nos enriquecer com uma ideia exacta do Iraque desapareceu; talvez para sempre.

Que sabíamos nós da Síria? Um nome célebre duma cidade milenária: Damasco. A resistência do general Dentz já nos ensinou muito e se o ritmo da invasão inglêsa e das fôrças do general De Gaulle não fôsse tão rápido, mais aprederíamos ainda.

A lição de maior interêsse versá, agora, sôbre a Rússia. Até que ponto ficaremos a conhecer a geografia dêste país?

CRISTIANO LIMA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — Africa: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

PORTUGAL 1941

crónica por Alice Ogando

A SOMBRA DE NAPOLEÃO

Noite alta. Devo ter acabado de adormecer, sinto que venho de entrar nesse doce repouso; o derradeiro pensamento abandona-me. Mão de chumbo cerra-me os olhos... depois, mais nada.

De súbito, eis que chega até mim, vinda não sei de onde, uma voz grave e solene, dizendo:

— Boa noite!

Num instintivo gesto de pudor, puxo o lençol até ao nariz. Era uma voz de homem, essa que ressoava aos meus ouvidos.

Um tanto aborrecida, disse:

— Quem és, e por onde entraste?

Não me assustei, é certo, porque o vulto que se desenhava agora na minha frente, não me era totalmente desconhecido.

A estranha silhueta passeava a grandes passos, uma das mãos atrás das costas, uma madeixa preta puxada para a testa. Não trazia chapéu, é evidente. Um fantasma amável descobre-se sempre diante de uma mulher.

Como a resposta tardasse, repeti a pregunta:

— Quem és?

Numa mesura de côrte, êle apresentou-se, solenemente:

— O Imperador!

Virei-me para a esquerda — jeito que não perco — e respondi, não ligando ainda muito bem o Imperador ao vulto:

— Não conheço.

Então, a figura aprumou-se e, em voz vibrante, numa continência marcial, renovou a apresentação:

— Napoleão Bonaparte.

Sorri... Eu bem dizia que aquela sombra não me era estranha:

— Boa noite, Napoleão. Mas que mania é essa de quereres ser Imperador mesmo no Além, o único lugar onde todos sômos iguais?

Êle explicou:

— Que queres, é hábito que me ficou. As vezes imagino que ainda dura a mascarada. Bem vês, a minha infelicidade foi tanta que podendo ter morrido soldado, morri Imperador.

Apoderava-se de mim uma infinita curiosidade. Que podia querer-me Napoleão? Porque passeava êle de noite nesta sensaborona Lisboa, e vinha justamente conversar comigo neste pouco apalaçado rés-do-chão da Bernardim Ribeiro?

Então, inquiri:

— Posso saber o que desejas a estas horas?

— Sei que dormes pouco, venho conversar.

— Então, fala.

— Queria também fazer-te uma pregunta, talvez me saibas dizer porque se fala agora tantas vezes em mim?

Sem compreender bem, respondi:

— É natural, pertences à História.

Êle teve um encolher de ombros aborrecido:

— Não falo na História... falo nos jornais. Sim, porque a verdade é que estou morto, pois não estou?

— Sem sombra de dúvida. Há muito tempo, para sossêgo do mundo.

— Há muito tempo? Que vale o tempo? Nada. Eu morri, dizes, e eu creio, todavia, não será minha a voz que afirma: «Um homem como eu ri-se da vida de milhões de homens?» Não é minha esta voz? Todavia nessa História de que falas, deve lá vir isto.

— Pois vem.

— Dito por mim?

— Dito por ti.

— Ora escuta: esta mesma frase tem chegado em diferentes épocas até «lá acima» saída de outras bôcas.

— Mas porque vens ter comigo? Quem sou eu para poder interessar-te?

Napoleão fêz um gesto de evasiva:

— Tôla! Entrei aqui por acaso. Os teu ouvidos ou outros, que importa? Eu procurei apenas o teu país, êste Portugal que não gozei da outra vez, êste recanto tranqüilo e bom. Farto de barulho estou eu. Olha que isto agora é pior que no meu tempo, até andam pássaros gigantescos, vomitando metralha... roçam as nuvens, atordoam-nos... Nem no céu há sossêgo. O que vocês fizeram do mundo!

E, num segrêdo:

— Sabes de onde eu venho? Da Rússia.

— Outra vez? És insistente, Bonaparte — repliquei, trocista.

— Agora fui só observar, nada mais. Mas vê-se que a terra continua a defender os homens como os homens defendem a terra.

A sombra de Napoleão sentou-se, fatigada. Os seus olhos sem côr fixavam agora um quadro pendurado na parede fronteira, mostrando uma cena da Revolução Francesa.

A sua voz, rouca como num estertor, ouviu-se, enquanto, com o olhar, indicava o quadro:

— Eu já vi aquele homem... conhece-lo?

— De nome...

— Eu vi-o... conheci-o pessoalmente, tive-o um dia ao meu lado, e distante, muito distante depois. Não me recorda o seu nome...

— Lafayette!

— Isso... é êle... êle que fulminou depois a minha derradeira esperança, foi a voz dêle, ouço-a, que disse a meu irmão Luciano, dura, implacável:

«...Os ossos dos nossos filhos, dos nossos irmãos, atestam por tôda a parte a nossa fidelidade, nas areias de Africa, nas margens do Guadalquivir, do Tejo, do Vistula, dos desertos gelados da Moscóvia! Três milhões de franceses morreram já a lutar contra a Europa. Já fizemos demais!»

É sempre assim... era isso que eu gostava que os homens de hoje acreditassem... As almas cansam-se de sofrer; as vidas cansam-se de morrer; a morte cansa-se de matar.

A sua voz era um murmúrio, apenas. Um arrepio obrigou-me a sentar na cama... Aquela sombra era fria... fria...

O espelho, em frente, mostrou-me o desalinho da minha «toilette»... Na mesa, ao lado, repousava todo o meu arsenal de «maquilhage». Aproveitei o silêncio da minha visita para pegar no pincel e retocar os lábios...

Sem me olhar, Bonaparte continuou:

— A Rússia! Conheço-a!... a fôrça bruta, a terra brava... a neve.

... ...

Um tremor violento sacudiu-me. Abri os olhos... não vi ninguém. Compreendi que tinha sonhado. No entanto, a minha mão crispada empunhava ainda o pincel do «bâton» em que de-certo pegara, durante o sono. Pela janela entreaberta, um raio de sol brincalhão veio beijar-me as mãos, pulando na dobra do lençol.

Saltei da cama, abri de par em par a janela e mergulhando os olhos na luz doirada que me alagava, numa alegria louca de vida e de paz, saüdei:

— Bom dia, Senhor Sol!

NASCEU UM POETA

Quando alguém nos diz, neste Portugal de poetas, «tenho uns versos para lhe ler», a gente ouve a nova sem alvorôço, porque é um caso vulgar.

Mentiria se dissesse que me aconteceu o contrário quando há dias, Georgina Cardoso dos Santos me anunciou a sua visita para me ler os seus versos, Sem dar por isso, *aconteceram-lhe* uns sonetos.

Fiquei encantada, como sempre, com o prazer da sua visita mas, lá aos versos, confesso que os esperei com menos alvorôço.

Ao abraçar a amiga, esqueci completamente a poetisa. Conversámos muito tempo. De súbito lembrei-me, «e os versos?». Então, com certo receio, visto ela me ter pedido sinceridade, reclamo a leitura prometida.

E simplesmente, com a sua voz musical, doce, harmoniosa, Georgina Cardoso dos Santos, recita um soneto, outro, mais outro ainda; revelando de cada vez mais fortemente, uma rica sensibilidade de artista, um formoso talento poético.

Enquanto a ouvia, encantada, adquiri uma certeza gratíssima: aconteceu qualquer coisa esta semana em Portugal: Nasceu um poeta.

Cidades bombardeadas

PROSSEGUINDO A SUA OFENSIVA SÔBRE A ALEMANHA E OS TERRITÓRIOS OCUPADOS, a R. A. F. tem causado grandes prejuízos nos vários objectivos visados. Em cima, os efeitos dos bombardeamentos das docas de Roterdão fotografados de bordo dum avião inglês de reconhecimento que voa a 100 metros de altura. Em baixo, três «Blenheims», em vôo razante e em formação de «V», passam por sôbre os campos dos arredores de Roterdão.

O KREMLIN, sede do govêrno de Estaline, o mais característico edifício de Moscovo, que tem sido atingido nos ataques da aviação alemã à capital soviética.

CALÇADA DA GLÓRIA

FORA DE PORTAS

DIZ-SE que os artistas do teatro *Avenida* vão reünir-se, em volta do empresário José Loureiro, para festejar, num almôço, o êxito da peça judaica *Israel*.

O almôço realiza-se no *Caliça* — de Jerusalém...

MÉDICOS E DOENTES

ENCONTREI ontem o dr. António Horta e Costa, bacharel em Direito e em operetas. Vinha do médico.

— O homem quere que eu deixe de fumar e de tomar café, imagine!

— Então não há remédio senão fazer o sacrifício!

— Pois não há, não. Tenho que mudar de médico... E olhe que é um autêntico sacrifício, que êste é uma excelente pessoa...

CAMPO PEQUENO

NUMA das últimas corridas nocturnas houve mosquitos por cordas. Até meteu polícia. Na mesma noite estreiou-se no *Eden* uma fita mexicana sôbre toiros, que não meteu polícia — mas, segundo dizem as más línguas, devia meter. No dia seguinte alguém encontrou o crítico tauromático *Zé Sincero*.

— É verdade, ó Zé? Foste ontem ao Campo Pequeno?

Resposta pronta:

— Ontem não fui à «fita» do Campo Pequeno: fui à «toirada» do Eden...

O GRUPO DO LEÃO

LUIZ Teixeira evoca, numa curiosa «plaquette», algumas figuras e alguns episódios que se passaram no conhecido restaurante *Leão de Ouro* — que foi, durante largo tempo, uma espécie de Academia boémia e culinária. As páginas de Luiz Teixeira constituem simultâneamente uma aguarela — e uma água-forte.

Um episódio ao acaso: Um belo dia Ramalho Ortigão, vendo Beldemónio, o magro e elegantíssimo «Beldemónio», entrar no Restaurante, enfiado numa comprida sobrecasaca, abotoada com alguns vinte botões de madrepérola, não se conteve que não preguntasse, apontando o escritor:

— Quem é êste clarinete?

SUICÍDIOS

SERÁ verdade — como há quem afirme — que o casamento é um suicídio em que a arma empregada é a mulher?

COLECCIONADORES

HÁ colecionadores *enragés*. Perry Vidal, por exemplo. Êste homem gordo, risonho, cultíssimo, é, a êste respeito, um modêlo do género, ou, com mais propriedade, do sexo. Não colecciona uma coisa, colecciona tudo. Vejamos: papéis timbrados, oficiais ou particulares, escritos ou não, com os respectivos sobrescritos; ex-libris exteriores e de colar, em todos os géneros; autógrafos; selos de lacre, obreia, brancos e de carimbo; matrizes dêstes selos, sinetes, etc.; retratos antigos em todos os géneros, podendo ser identificados; registos de santos, pagelas, imagens, *souvenirs-pieux;* participações de nascimento, casamento, óbito e mudança de residência; ménus...

(Continua no próximo número)

UM HOMEM DE JUIZO

Conta-se que o dr. Elísio de Moura — o conhecidíssimo especialista de doenças nervosas e mentais — entrou, uma tarde, num chapeleiro para comprar um chapéu de côco. Quando o chapeleiro ia a pegar numa fita métrica para tirar a habitual medida à cabeça do comprador, ouviu êste dizer-lhe, com a maior naturalidade do mundo:

— Qualquer medida serve. É só para trazer na mão...

Uma simples frase retrata, às vezes, um homem com mais nitidez do que uma longa biografia psicológica. Quem encontrar o dr. Elísio de Moura, em plena rua, vê-o, na verdade, sempre de cabeleira ao vento — e de chapéu na mão. A alguém que lhe preguntava, certa vez, porque trazia sempre na mão um chapéu de côco desde que nunca se utilizava dêle, o ilustre médico respondeu, com o melhor sorriso do mundo:

— É necessário, meu amigo, harmonizar a higiene com a burocracia...

Está retratado o homem. Mais: está definido o sábio. É precisamente aquilo. Ao mesmo tempo arguto e imaginativo, risonho e perspicaz, sabendo diagnosticar, como raros, os males dos homens e das sociedades, Elísio de Moura, com a sua cabeleira desgrenhada de poeta épico e a sua aparente excentricidade de boémio rico, não é apenas um varão ilustre: é uma autêntica figura histórica. Aonde quer que chegue, de côco em punho, a Lisboa ou ao Pôrto, a Viseu ou a Braga, logo o apontam a dedo:

— Olha o Elísio de Moura! Lá vai êle...

Numa época em que o juizo nem sempre abunda, um homem, como êste, é um verdadeiro achado.

CHICO REDONDO

O intendente da Ópera Imperial de Berlim, quando viu, pela primeira vez, Chico Redondo — o grande cantor fidalgo — convenceu-se de que êle era um carniceiro que vinha trazer a conta ao porteiro do teatro... Mas quando o ouviu cantar!

POETAS

HOMEM, que está você para aí há que tempos a divagar? — preguntou alguém a certo poeta melancólico e distraído, vendo-o, há longo tempo, absorto em fúnebres divagações.

— Deixe-me cá: a divagar se vai ao longe... — respondeu o poeta.

JOÃO DE DEUS

O conselheiro Basílio da Veiga — uma das pessoas que eu conheço que mais histórias sabe — contou-me, há dias, esta, passada em Coimbra.

João de Deus, o grande poeta, andou inúmeros anos na Faculdade de Direito. Uma vez foi chamado ao célebre professor Ferrer, que era o terror dos alunos.

— Confesso que não estou preparado, senhor doutor, para o interrogatório de V. Ex.ª — exclamou João de Deus, levantando-se da carteira.

— Não está preparado? Então não estudou a lição de hoje?

— Não é bem isto, senhor doutor...

E logo acrescentou:

— Eu queria dizer que nunca se está preparado para responder ao brilhantíssimo espírito e à sempre genial argumentação de V. Ex.ª...

E sentou-se.

REPROVAÇÕES

OS exames têm sido êste ano excessivamente mortíferos. Em matemática, então, uma razia. E, entretanto, quantos homens por êsse mundo atingiram a celebridade — sabendo apenas diminuir!

CONFUSÃO DE NOMES

CONTAVA Virgínia Quaresma que o jornalista brasileiro Assis Chateaubriand recebera na revista *O Cruzeiro*, de que era director, uma carta assim sobrescritada: «Ex.mo Senhor A. Chateaubriand — Distinto autor do *Génio do Cristianismo*».

OS GRILOS

JOSÉ Lapa — infatigável homem dos jornais — dizia, uma vez, num grupo de amigos:

— Aposto que vocês não sabem o que é um grilo!

— Ora não sabemos! É um insecto saltador — responderam todos.

— Pois não é tal, pelo menos na opinião do Cruz Cerqueira, que é redactor de *A Voz*...

Fêz-se um silêncio retumbante.

— Sim, porque na opinião do Cerqueira um grilo não passa duma barata — com o curso do Conservatório!

LEÃO XIII

E Augusto de Castro quem nos conta êste episódio: Um dia, numa audiência colectiva de peregrinos, vindos de vários países, Leão XIII passou diante dum numeroso grupo que o prelado que o acompanhava designou como sendo professores duma universidade alemã.

— Os sábios de Heidelberg? — interrogou amàvelmente Sua Santidade, detendo-se um instante.

— Somos apenas uma delegação, Santo Padre — respondeu um dos professores com energia.

— Naturalmente, naturalmente — comentou o Pontífice, sorrindo. — Se tivessem vindo todos não cabiam no Vaticano...

Luís d'Oliveira Guimarães

O SIMBOLO da resistencia

O REI HAAKON fotografado num cais do litoral inglês, durante uma recente visita que fêz às unidades da sua esquadra que combatem agora, lado a lado, com a Armada britânica. Desta foto se pode dizer que tem o valor dum símbolo — o símbolo da resistência dum povo e dum rei que luta onde e como pode, aguardando o momento da reconquista da sua independência. A actividade do soberano dos noruegueses é notável. Mesmo longe do seu país, num exílio forçado, êle não abandona os seus soldados e os seus marinheiros, nem deixa de se interessar pela vida dos seus subditos. Freqüentemente, dirige-se-lhes pela rádio, incutindo-lhes coragem e falando-lhes numa linguagem serena e confiante. O rei Haakon é, dêste modo, como acentuámos, o símbolo duma tenaz resistência.

Vida MUNDIAL Ilustrada

Panorama Internacional

Para novos tempos

por Francisco Velloso

ASSIM fomos chegando, a lentos passos, às horas culminantes desta guerra — concluía há pouco um observador. E tudo, na verdade, e com bom fundamento nos conduz a dias não longínquos em que o fiel da balança propenderá a anunciar-nos nova fase dos acontecimentos.

Assim como a chegada em massa dos armamentos norte-americanos à Grã-Bretanha aumentou decisivamente as suas possibilidades militares, assim nas chancelarias uma actividade extraordinária acusa, com o recrudescimento febril de uma ofensiva diplomática anglo-americana, diante da agudeza do problema alemão, introduzir factores insuspeitados na situação internacional.

A BATALHA DO DIA

VON KEITEL

A campanha alemã contra a Rússia vai recomeçar em terceira ofensiva, anunciou se a 24. O *Lokal Anzeiger*, com outros colegas, advertia a opinião pública de que o avanço inequívoco das tropas atacantes é custoso. Informações de origem sueca preveniam de que, se esta arremetida não der o resultado desejado para os fins políticos que orientam a invasão, o estado-maior do Reich poria a hipótese de quartéis de inverno. Cheios de asizada prudência contra os abalos que sucessos desta natureza causam sempre em povos beligerantes, tais avisos ajustam-se na verdade ao balanço que os críticos militares mais autorizados tiram das operações e à consideração que devem merecer um chefe da estatura de Von Keitel e a pertinaz defesa moscovita.

Em guerra ou na paz, o grande estado-maior alemão não é exclusivamente o mais perfeito entre os supremos organismos militares de todos os exércitos do mundo, mas também um poderosíssimo motor de condução política da Alemanha. Êle salvou, no tempo de Von Seekt, por êrro fatal dos Aliados, a unidade alemã, depois da derrota de 1918 e contra tôdas as fôrças de desorganização, subversão e desordem que então a puseram em sério risco. Êle conduz agora tanto a parte de operações como a da política geral da guerra germânica. Nunca se tornou mais visível do que através da actual campanha, a cartada que êle jogou nesta luta de nações; e, se é certo que às visões e intuições iluminadas do *Führer* pertence o plano de organização da chamada Nova Ordem, dentro das quais o projecto do dr. Funk funciona como chave central, o estado-maior só as executa e orienta depois de obtida a concordância de Hitler.

A Rússia sempre foi o mistério desconcertante da Europa.

A guerra motorizada e mecanizada apresenta a leste, na frente de batalha entre exércitos apetrechadíssimos, uma fisionomia e uma doutrina estratégica nova. Verifica-se hoje que o mistério russo continha um grande segrêdo militar. Conquanto deva deduzir-se a superioridade técnica alemã, êsse segrêdo agora revelado, coloca o exército russo em condições que atestam um aperfeiçoamento e uma preparação surpreendentes nos movimentos com que está a vender caro ao adversário o terreno pátrio, sob o comando do general Meretskov, que defronta, ao norte, o general Falkenhorst, o vencedor do *raid* à Noruega; do marechal Shaposnikov, sobrevivente do estado-maior czarista, que se opõe no centro a Von Reichenau; e do marechal Kulik que, no sul da Rússia, se bate contra o vencedor de Creta, Von List.

A PAZ, ARMA DE GUERRA

HITLER

O mês de Agosto deve ser para as finalidades políticas da invasão da Rússia, e para a seqüência da guerra, essencial e precioso. Em Setembro, as chuvas e as primeiras neves flagelam o leste europeu. O esfôrço alemão há de concentrar agora ao máximo o poder do seu ímpeto. Quando nos telegramas informativos do Reich, como o de 30 de Julho, se lê que Leninegrado, a segunda cidade da Rússia, está prestes a ser tomada, esta previsão, embora não decida a campanha, traduz com exactidão aquelas finalidades: — Abater a Rússia, empurrando-a para leste, de encontro às fronteiras siberianas, e procurar a sua inutilização política. Mas Hitler precisa de a ter subjugada para fazer, com a ambicionada eficiência, a sua principal ofensiva de paz que, entretanto, no interior dos países, mesmo dos seus inimigos, cautelosa e inteligentemente prepara. Os casos da Bolívia, da Argentina, do Uruguai e do México, não valem menos que os de França e da Espanha. É a ofensiva por corrosão ou corrupção interna.

Senhor da Moscóvia, onde para isso, se premeditaria instalar um govêrno pró-alemão, o Condutor do Terceiro Reich intimaria a Inglaterra a juntar-se à Nova Ordem, sob pena de ficar fora da Europa e subalternizada à finança e à economia norte-americanas, e, em qualquer caso, reuniria a conferência internacional na Alemanha na qual não é de estranhar comparecessem representantes de todos os Estados *ocupados e preocupados*, como os definia há pouco certo comentário humorístico desta tragédia.

Mas se a Inglaterra se arrisca, ficando a ver quando a campanha alemã contra a Rússia acaba para depois agir, também é lícito preguntar se Hitler pode realizar o seu sonho imperial, a sua ambição de vencedor de países aterrados ou cúmplices, antes de terminar aquela campanha, isto é antes de, em conformidade ao bom conselho bismarquiano, aniquilar o inimigo léste — para não prejudicar a sua ofensiva diplomática a oeste — por isto mesmo mais melindrosa, pois a sua organização e efeitos, no domínio psicológico, reclamam um processo triunfante e um bom êxito totalmente prestigioso e pleno. E será ela só diplomática?...

Diante dum *Foreign Office* atónito, só a esperar donde veem os golpes do adversário, o jôgo seria relativamente propício. Em frente dum *Foreign Office* que passou ao ataque (e, só nêste, Anthony Eden ganhará, com altos serviços à Inglaterra, as suas esporas de ouro) a conclusão da campanha russa é indispensável porque sem ela, a Londres e a Washington nem se quer seria permitido considerar a sério aquela dijuntiva combinação germânica aliás audaciosa, de expelir a Gran-Bretanha das relações económicas da Europa.

As ofensivas de paz apenas podem surtir convenientemente depois de vitórias tão estrondosas como a da França, e quando as artes da propaganda do país que intenta levá-las a cabo adquirem apoios em correntes da opinião pública. Porque elas não são dirigidas nem operam directamente no país que alvejam, mas são por sua característica circunvolventes, e daqui o seu perigo. É preciso, numa palavra, um facto de vitória consumada que impressione favoràvelmente. Foi também êste, na outra guerra, o cauteloso método de Guilherme II.

POR ANTECIPAÇÃO

EDEN

Ora, o projecto hitleriano da conferência europeia devia realizar-se até ao fim do Outono. A campanha de leste tem portanto de apressar-se.

Eden veio ao encontro dêle no dia 29, em declarações proferidas na Associação da Imprensa Estrangeira em Londres, e denunciou-o: «Êle (Hitler) tenta desesperadamente cumprir a promessa que fêz ao povo alemão de que a guerra terminaria êste ano com uma paz a favor da Alemanha vitoriosa. Foi para conseguir êste fim que Hitler se arriscou na campanha da Rússia. Procura dois objectivos na sua invasão do vasto território russo. 1.º — esmagar ràpidamente o poder militar da Rússia; 2.º — apresentar-se como campeão contra o comunismo para oferecer uma paz alemã ao Mundo. Isto não significa que êle tenha abandonado o segundo objectivo. Muito brevemente será iniciada outra ofensiva relâmpago contra nós, «ofensiva de paz», por meio da qual Hitler espera cumprir a sua promessa feita ao povo alemão».

Descontada nestas palavras a parte que nelas representa o natural calor do beligerante, a ofensiva de paz fica patente.

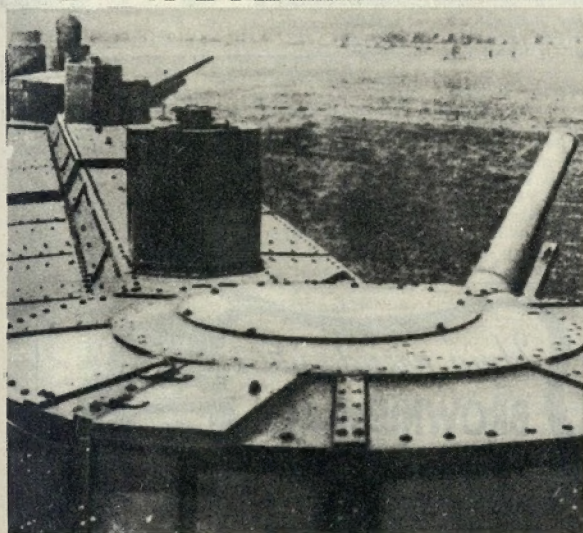
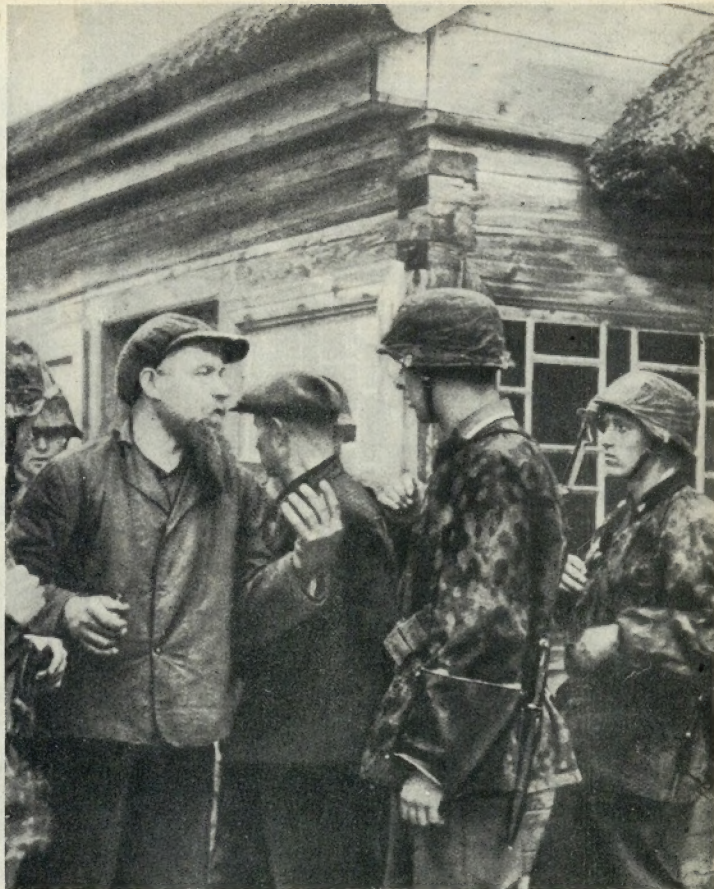
Qual a atitude inglêsa? Eden não hesitou formulá-la em dois tópicos: — «nós não estamos dispostos a negociar com Hitler, seja em que altura fôr, e seja qual fôr o pretexto»; «não faz parte do nosso plano que a Alemanha derrua econòmicamente».

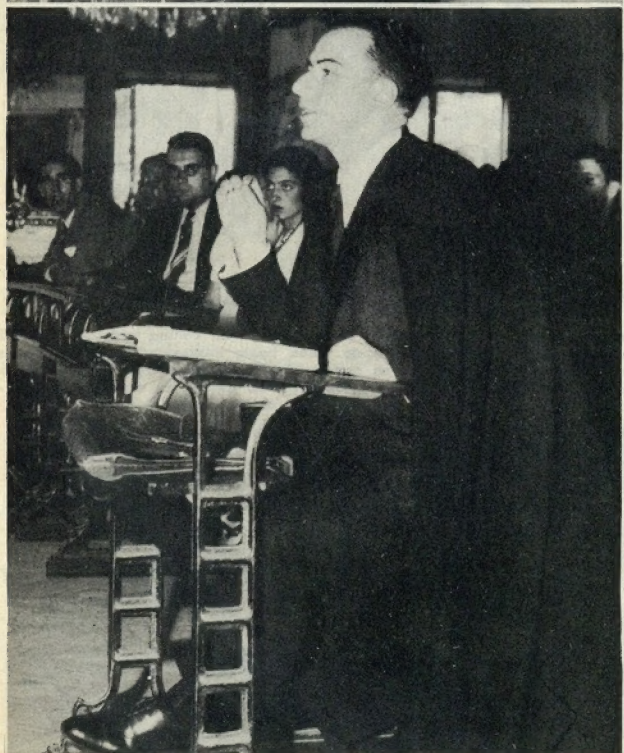
É, pouco mais ou menos, o ponto de vista apresentado há meses por Halifax ao ser recebido no claustro duma universidade norte-americana, no qual se distingue entre o nazismo e a Alemanha. A paz com Hitler? Nunca. Chamberlain ao romper da guerra disse o mesmo. O que equivale a pôr a pregunta, se, desaparecido Hitler, a paz com a Alemanha não seria possível e a restabelecer no diferendo desta guerra uma luta de ideologias sôbre o fulcro central de processos totalitários e não totalitários ou não totalizantes. Essa distinção também não é nova na Inglaterra. Todo o tratado de Versalhes se baseou nela. Lloyd George foi o seu «leader» e campeão. Os resultados viram-se à luz do sol. E pagam-se hoje com juros.

À ofensiva de paz respondeu portanto antecipadamente uma contra-ofensiva de paz. Eden deu a saber que os países que acederem ao convite do *Führer* não contarão com a Inglaterra e com os Estados Unidos para nada.

E como esta intransigência necessàriamente torna a descerrar ante os olhos do povo britânico as perspectivas duma guerra prolongada, Churchil foi aos Comuns no mesmo dia recomendar que, embora as condições da resistência e do ataque melhorassem, estavam agora os inglêses à porta da época favorável à invasão das ilhas. Sabe-se como é sempre precioso atentar bem no que o «velho Winston» diz. E êle foi bastante claro: «Seria loucura supôr que a Rússia ou os Estados Unidos vão ganhar a guerra por nós. *A época propícia à invasão está à porta e tôdas as fôrças armadas receberam ordem para estar a postos. No princípio de Setembro temos de contar com o desespêro do jogador.* Mantemo nos aqui como um campeão firme. Se fracassarmos tudo fracassará; se cairmos tudo cairá comnôsco».

Eden e Churchill, tocando em instrumentos diferentes, afinam um pelo outro, ambos contando com a

(Continua na pág. 12)

De cima para baixo e da direita para a esquerda: Uma coluna motorizada alemã atravessa um rio da Rússia, servindo-se duma ponte improvisada; um camponês letão conta aos soldados alemães os acontecimentos da dominação soviética; um comboio blindado soviético capturado pelas fôrças do Reich; um canhão anti-«tank» em acção; artilharia alemã passa por uma aldeia incendiada pelos russos.

O ILUSTRE PROFESSOR DR. FRANCISCO GENTIL fêz na Sociedade de Ciências Médicas o elogio do prof. Augusto Monjardino. Na mesma sessão daquela colectividade, foi prestada homenagem à memória do prof. Nicolau de Bettencourt.

NA FACULDADE DE DIREITO, prestou provas de exame de doutoramento em Ciências Económicas e Financeiras o licenciado sr. António da Mota Veiga. Foi argüente o sr. prof. Rui Ulrich que se vê na foto, em cima, com outros catedráticos.

o caso da semana

Vai ser desencadeada, dentro de pouco tempo a quarta ofensiva de paz do chanceler alemão?

por Carlos Ferrão

No dia 29 de Julho de 1941, encontrava-se reùnida no Savoy Hotel, em Londres, uma companhia numerosa e luzida. Na presidência, uma figura respeitável da sociedade inglêsa, Mr. Gottfried J. Keller. À sua volta numerosas personalidades de todos os meios sociais. Ao dar a notícia da reùnião, o «Times», pondo em relêvo o seu aspecto mundano, acentuava que se encontravam presentes várias celebridades do mundo político, diplomático, militar e jornalístico. Como pretexto, fôra anunciado um «lunch» que a Associação da Imprensa Estrangeira, cuja sede é na capital britânica, oferecia em honra dos seus convidados.

No meio da cerimónia que, ainda segundo o «Times», era tão brilhante que há muitos anos se não vira em Londres coisa semelhante, verificou-se a presença dum dos mais categorizados membros do gabinete. O sr. Anthony Eden, secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros foi, à sua entrada e no decorrer da festa, alvo de atenções muito significativas devidas à sua categoria social e à sua acção pessoal no departamento que dirige.

Inesperadamente, rodeado por uma curiosidade que se avolumava à medida que ia discorrendo, o sr. Eden levantou-se para falar. As suas primeiras palavras foram para aludir à campanha da Rússia e à sua evolução. O orador entendia que a guerra relâmpago falhara na frente oriental e que essa circunstância se destina a ter sérias repercussões na marcha dos acontecimentos. Era o intróito para estabelecer o alicerce da sua declaração essencial.

«Nós inglêses, acrescentou o sr. Eden, devemos estar prevenidos para a paz relâmpago que, talvez dentro de pouco tempo, será desencadeada pelo chanceler do Reich contra a nossa decisão e a nossa unidade. Hitler prometeu, ao seu povo, dar-lhe a vitória antes do fim dêste ano. Como não está em condições de cumprir a sua promessa, prepara-se para nos oferecer uma paz de compromisso.»

E acrescentou, como resposta antecipada ao que acabava de anunciar:

«Em nome do govêrno de S. M. ainda há poucas semanas afirmei, num discurso que proferi em Leeds, que não negociaremos com Hitler em nenhuma ocasião nem sôbre coisa alguma. Renovo agora, com a maior firmeza, essa declaração.»

O resto do discurso do sr. Eden no Savoy Hotel foi consumido para expor, pormenorizadamente, as razões do ponto de vista oficial da Grã-Bretanha. Nem negociação, nem conversação, nem entendimentos, nem compromisso.

Que informações ou notícias chegaram a Londres que permitam a suposição pùblicamente apresentada por um ministro de Sua Magestade? O sr. Eden declarou-se mesmo habilitado a expor algumas das condições em que se envolveria a tentativa de paz que anunciava: a libertação dos países ocupados, a restauração da França como grande potência, uma garantia formal da integridade do Império britânico. Para o resto, o restabelecimento de relações normais entre os povos da Europa sob a base duma ampla cooperação económica e do estabelecimento de regras jurídicas estáveis para o convívio internacional. A todos estes pormenores, caso viessem a verificar-se, o govêrno britânico oporia uma recusa formal.

OS REIS, AS RAINHAS E OS PRESIDENTES DOS PAÍSES ALIADOS que residem agora em Londres e cujos governos tomaram o compromisso de prosseguir a guerra até à vitória final, fotografados no Buckingham Palace. Da esquerda para a direita: Rainha Maria da Iugoslávia, a sr.ª Benes, Rainha Guilhermina da Holanda, a sr.ª Rackiewicz, Rei Jorge VI, Rei Pedro da Iugoslávia, Rei Haakon da Noruega, Rainha Isabel da Inglaterra, Rackiewicz, Presidente da Polónia e Benés, Presidente da República checoslovaca.

Um discurso no Reichstag

Até que ponto são justificados os dizeres de sr. Eden? Está o mundo, efectivamente, em vésperas de assistir a uma ofensiva de paz que não deixaria de impressionar os povos cansados de assistir ao duelo que agrupa, em blocos opostos, as grandes potências e arrasta, no sulco destas, algumas das pequenas nações vítimas ou comparsas, como elas, do drama que começou a representa-se vai para dois anos?

Não seria a primeira vez que o Fuehrer apresentaria pùblicamente as suas condições para se restabelecer a ordem e a tranqüilidade no nosso continente perturbado por tantas convulsões.

Em 6 de Outubro de 1939, terminada vitoriosamente a campanha da Polónia, o chanceler falou no Reichstag para expor os resultados militares a que o seu país tinha chegado e para esmaltar essa exposição com uma declaração solene:

«Em tôda a parte, cada homem de Estado responsável deseja a prosperidade do seu país. Esta aspiração geral só pode realizar-se no quadro duma colaboração efectiva. É preciso que as nações da Europa se reúnam para deliberar em conjunto e para elaborar, adoptar e garantir o estatuto que a tôdas dê a garantia da segurança, da tranqüilidade e da paz. Essa conferência, que deve fixar para dezenas de anos o destino dêste continente, não reùnirá ao ruído dos canhões. Por isso preconizo a sua realização antes que os estragos da guerra criem, entre nós, uma situação irreparável.»

O chanceler acrescentou que a sua sugestão se dirigia especialmente à Grã-Bretanha para concluir: «Têm a palavra os povos e os dirigentes que partilham dêste ponto de vista.»

A resposta britânica, dada pouco tempo depois, através dum discurso do Primeiro Ministro, Neville Chamberlain, significou o propósito em que a Grã-Bretanha se encontrava de prosseguir na luta até à vitória sem aceitar qualquer solução de compromisso.

As palavras do chanceler do Reich marcaram uma fase importante na evolução do conflito. A primeira ofensiva de paz malograra-se. O chanceler dissera: «Se a Grã-Bretanha não aceitar a mão que acabo de lhe estender, será esta a minha última declaração de paz.»

Quando a França foi derrotada...

A segunda ofensiva de paz havia de verificar-se nove meses depois, rodeada pelo mesmo cenário que caracterizara e envolvera a primeira. No Reichstag, em 9 de Julho de 1940, o chanceler do Reich, convidado para tomar conhecimento do resultado vitorioso da campanha da França, declarava, de novo: «Depois da derrota da França, o sr. Churchill voltou a dizer que é sua intenção continuar a guerra. Por mim não vejo razão para que esta continue. Nesta hora sinto, em consciência, que me cabe a obrigação de dirigir, mais uma vez, um apêlo ao bom senso, especialmente pelo que diz respeito à Inglaterra. Julgo poder fazê-lo, com inteira liberdade. Não lanço um apêlo, como vencido. Dirijo-me ao povo inglês como vencedor. Nada há que justifique a continuação da luta entre as nossas duas nações. O sr. Churchill pode desdenhar a minha proposta, considerando que ela é o fruto do meu receio ou da minha dúvida sôbre a vitória final. Terei, pelo menos, aliviado a minha consciência, na previsão dos terríveis acontecimentos que se preparam.»

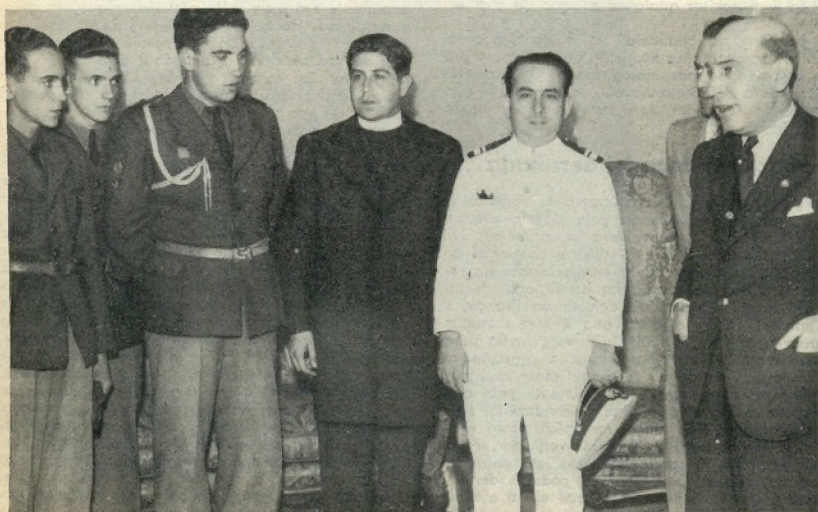
A luta prosseguiu, com uma intensidade maior. Como a primeira, a segunda ofensiva de paz malograra-se.

A réplica do presidente Roosevelt

Uma revista norte-americana de grande expansão, «Life», resolveu incumbir um diplomata transitòriamente sem função, o antigo ministro John Cudahy, de visitar a Europa em «tournée» jornalística. O ponto capital da missão de Cudahy era avistar-se com o Fuehrer. Em 23 de Maio de 1941, o encontro realizou-se na residência de Berchtesgaden. Além do entrevistador e do entrevistado, assistiam o célebre intérprete dr. Schmidt, e um oficial às ordens, Walter Hervell. O Fuehrer aludiu às suas tentativas de 6 de Outubro de 1939 e 19 de Julho de 1940 para acentuar que os seus propósitos se não tinham alterado nem com o tempo, nem com os acontecimentos. Entretanto decorrera um ano. Os êxitos militares da fôrça armada do Reich tinham tomado maior amplitude. O predomínio alemão no continente era uma realidade. Havia que organizar mais do que destruir. Para que continuar uma luta insensata e estéril? Na sua opinião as tarefas da paz deviam absorver a atenção e a actividade dos dirigentes. Em relação aos Estados Unidos, como em relação à Grã-Bretanha, havia que iniciar uma política de compreensão recíproca. «Não foi a Alemanha, declarou Hiter ao diplomata norte-americano, que começou esta guerra. Foram a Grã-Bretanha e a França. Desejamos estabelecer relações amigáveis com todos os povos, especialmente com os nossos vizinhos. A minha fórmula para assegurar sôbre essa base o futuro do mundo é paz, prosperidade, felicidade. A Alemanha não está interessada em escravizar ou dominar qualquer outra nação.»

No próprio número em que publicava a entrevista do Fuehrer, a revista «Life» adicionava-lhe uma nota de redacção em que dizia: «Nesta entrevista os nossos leitores reconhecerão, com facilidade, o que ela realmente é: um episódio mais no desenvolvimento da estrategia política do Reich.» A imprensa norte-americana, secundada pelos jornais britânicos, respondeu com a afirmação reiterada de que era impossível entabular qualquer negociação com êxito. O presidente Roosevelt pronunciou um discurso declarando que a Alemanha visava a dominação universal e que encontraria, resolutamente, no seu caminho, a oposição dos Estados Unidos. O episódio ficou conhecido pela designação de terceira ofensiva da paz. É a quarta que, segundo o sr. Anthony Eden, agora se prepara?

Acontecimentos da SEMANA

COM DESTINO À MADEIRA E AOS AÇORES, largou do Tejo, na semana passada, o navio-escola «Sagres», que leva a bordo os filiados da «Mocidade Portuguesa» que vão realizar o seu primeiro cruzeiro náutico às ilhas. Damos nesta página alguns aspectos da partida. À direita: os rapazes formados em frente dos Jerónimos; em baixo, os cumprimentos ao sr. ministro das Colónias; o desfile; os cumprimentos ao sr. ministro da Educação Nacional; e a ida para a «Sagres» no rebocador da Polícia Marítima, após a missa.

LISBOA VELHA

UM TRECHO DA LISBOA antiga com todo o seu pitoresco — a esquina da rua da Galé, que tem visto passar séculos de vida, telhados que o Sol tem beijado em milhares de dias. («Cliché» do distinto artista da fotografia e ilustre professor sr. Campos Coelho, cedida especialmente para «Vida Mundial Ilustrada»).

PANORAMA INTERNACIONAL

PARA NOVOS TEMPOS

(Continuação da página seis) *Por Francisco Velloso*

recarga do seu grande adversário numa ofensiva de paz e num violento desfôrço militar.

ALTA PRESSÃO

CHAN-KAI-CHEK

O desenho dum bloco de quatro «potências mundiais» contra a Alemanha surge nos mais próximos horizontes do mundo: — a Inglaterra e seus Domínios, os Estados Unidos, a Rússia e a China. E entretanto o laço aperta-se. Chan-Kai-Chek faz isolar a Indo China onde a gloriosa bandeira tricolor se apagou e abateu diante da do Sol Nascente, ao mesmo tempo que Londres pretendeu obrigar o Sião a definir-se, exigência a que recebeu resposta evasiva em bom estilo asiático.

Em volta do Japão, o estreitamento geral dum bloqueio de matérias-primas, sobretudo de petróleos, faz recrescer de furor a imprensa de Tóquio, o que muitas vezes não é indício de guerra mas de ajustes e contemporizações.

No Irão, o *Foreign Office* adverte da presença suspeita de alemães que reassoprariam as chamas que já incendiaram o Iraque.

A opinião norte-americana acelerou-se a favor de Roosevelt diante do perigo de uma guerra contra o Japão.

O facto russo-polaco que, contra a opinião de Zaleski (ministro dos estrangeiros do govêrno no exílio que por isso foi substituído pelo conde de Razinski), o general Sikorski e o embaixador russo Maisky acabam de assinar em Londres estabelecendo, com o acôrdo expresso de Moscovo, a anulação da partilha da Polónia de 22 de Setembro de 1939 (obra fina da diplomacia britânica que roubou a Hitler preciosa arma) a par do reconhecimento do govêrno de Benés. pelos Estados Unidos, que pode ser seguido do Comité do general De Gaulle — assinala que nêste momento, embora ainda não à vista, Londres amuralha contra o Reich.

Com que conta a Inglaterra?

Por aqui, por além, em países ocupados, denunciam-se sinais de perturbações no espírto popular. Os jornais publicaram, por exemplo, a notícia de fortes prevenções militares em Vichy por ocasião da reünião do Conselho de Ministros que ia aprovar o pacto da cedência de bases da Indochina ao Japão, e de rijas perseguições policiais aos partidários de De Gaulle.

Nêste feixe de factos, nota-se sem esfôrço que, se a batalha do Nilo ainda não está travada, o *Foreign Office* cerrou os dentes e, com uma actividade que há anos não usava, prossegue na sua ofensiva terminante.

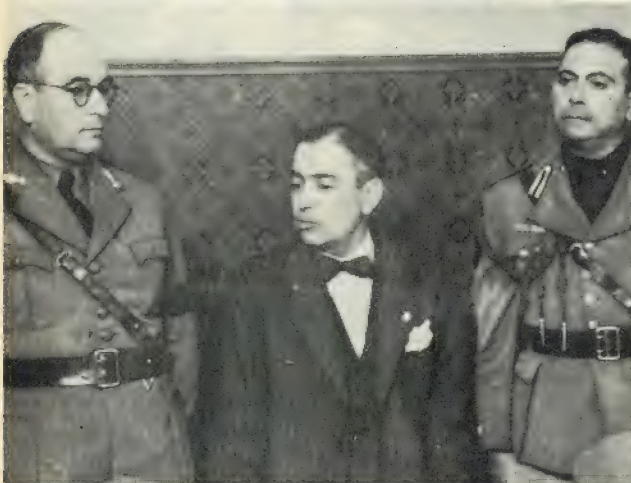
Já mal enxergamos aquela Inglaterra retardatária que, nos fins do ano passado, quási fêz descrer da possibilidade de vencer. A dilação e o desgaste da Campanha na Rússia, a atitude exclusiva do Japão rodeado de inimigos, o problema do ocidente, obrigam a Alemanha a um grande gesto.

UM ASPECTO DOS TRABALHOS DE APURAMENTO DO RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO, REFERENTE A 1940, no Instituto Nacional de Estatística.

O SR. CARDEAL PATRIARCA durante a cerimónia da entrega dos crucifixos aos novos missionários, efectuada, com grande luzimento, na Sé de Lisboa.

A AMEAÇA JAPONESA NO PACÍFICO

NO EXTREMO ORIENTE, a situação agrava-se dia a dia, a tensão aumenta. Vivem-se momentos de emoção. Entretanto, o Japão desembarca tropas nas bases recentemente cedidas pela Indochina e activa a guerra contra a China livre de Chang-Kai-Chek. No mar, a esquadra japonesa paira ao largo do litoral ocupado e vigia as passagens do Pacífico. Damos nesta página alguns aspectos da acção militar japonesa. Em cima: a entrada dum destacamento japonês numa cidade da província de Xèkiang. Em baixo, a característica comida japonesa servida aos soldados em campanha. À direita, de cima para baixo, três aspectos de manobras da esquadra: o homem do leme dum contra-torpedeiro; o artilheiro em posição de fogo; e o efeito do lançamento duma bomba de profundidade.

AS ALUNAS DO INTERNATO DO PORTO na sua festa do Palácio de Cristal.

A POLICIA DE GAIA prestou homenagem aos srs. Presidentes da República e do Conselho e ao sr. engenheiro Abel Fiuza, presidente do Município local, que se vê na foto acompanhado dos oficiais daquela corporação.

INAUGUROU-SE A ÉPOCA NA COLÓNIA BALNEAR DE FÉRIAS DA FOZ DO DOURO, no Pôrto, que é administrada pela Comissão das Juntas de Freguesia.

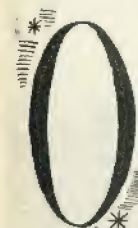
(Fotos feitas com películas «Ferrania»)

A POSIÇÃO ESTRATÉGICA DE SINGAPURA, SENTINELA DOS MARES DO EXTREMO ORIENTE, é importantíssima para a defesa do Império Britânico. Neste momento, Singapura tem ainda, mercê da situação especial criada no Pacífico, um interêsse mais evidente. Por isso, a Inglaterra, a Índia e a Austrália têm enviado para ali reforços em tropas e em material. E os navios de guerra britânicos da grande esquadra do Ultramar fazem as suas manobras nas paragens de Singapura — terra cosmopolita, estranha, que bem se pode dizer ser europeia, asiática e americana. Na defesa das suas praças, há soldados dos três continentes.

SINGAPURA

À esquerda e em baixo — Dois aspectos das manobras das tropas imperiais britânicas em Singapura: a guarda duma estrada; e um oficial índio discutindo um problema estratégico com soldados nativos durante um exercício militar de grande envergadura.

Como os nossos Escritores passam as tardes de verão...

Uma reportagem de Gentil Marques

O calor está a apertar quando entramos de surprêsa na Guimarãis, a velha livraria sempre nova. A um canto, lobrigamos Ferreira de Castro, meio escondido e recostado numa cadeira qualquer. E, em sucessão de ideias, pensamos que nada existe como o calor para tornar os homens iguais. Ilustres ou desconhecidos, poderosos ou humildes, têm os mesmos gestos de à-vontade, os mesmos anseios de frescura, as mesmas tendências para a moleza.

Sentamo-nos ao lado do autor da «Selva».

Conversamos. Perto de nós o amigo Martins, senhor e soberano da «Guimarãis», faz contas em papelinhos cheios de contas.

Por acaso ou sem acaso, a conversa recai sôbre produção literária. Ferreira de Castro fala-nos mais uma vez dos tempos duros que passou, juntamente com Reinaldo Ferreira. Os dois escreviam, por dia, às dúzias de artigos ou de crónicas ou de contos.

— E mesmo assim viviam mal, não?

Ferreira de Castro sorri com amargura.

— De-certo. Principalmente o Reinaldo que tinha família. Por isso, êle trabalhava mais do que eu.

Uma curta evocação. Os olhos ganham brilho. Há qualquer coisa de extraordinário, de bom, de puro, nesse brilho:

— O Reinaldo era formidável. Às vezes, chegava a qualquer parte e começava a tirar manuscritos dos bolsos. Parecia até que tinha sementeira dêles...

Lembramo-nos da nossa missão. É necessário atirar a pregunta-base da reportagem. E atiramos mesmo:

— Como passa o Ferreira de Castro as tardes de verão?

Só nesse momento, êle procura compreender porque estamos ali.

— Alguma reportagem?

E de-vagar, sem rodeios, confessa-nos que as suas tardes são passadas de maneira idêntica. Depois do almôço, dá uma saltada até à «Guimarãis», gosta um pouco de prosa com os camaradas que aparecem por ali. De seguida, passa à Bertrand. Mais camaradas. Mais prosa gasta. Finalmente, aí por volta das cinco horas, retorna a casa, a-fim-de trabalhar em qualquer coisa.

— Então temos livros em preparação?

— Sim... Deve sair a minha «Volta ao Mundo»...

De perto, chega-nos aos ouvidos uma tossinha propositada. E, logo após, um apêndice de informação fornecido pelo amigo Martins.

— Isso e mais algumas reedições...

Continuamos a conversar. Aguardamos a chegada de mais alguém para o fotógrafo fazer um «boneco».

Afinal, quem aparece é o Assis Esperança. Alto, elegante, de monóculo impertinente, Assis Esperança traz consigo uma brisa de boa-disposição. Cumprimentos para aqui e para ali, sorrisos, ditos de espírito, que êle mesmo quando fala a sério dá às palavras um tom leve e gracioso que dispõe bem.

À nossa pregunta de como costuma passar as tardes de verão, o escritor de «Gente de Bem» faz um gesto largo de «jongleur» reformado e informa-nos num sorriso, meio sorriso, meio careta.

— A trabalhar, meu amigo, a trabalhar...

Insistimos:

— Mas, enfim, há de ter alguns momentos de folga...

— Sim... A «Singer» deixa-me uns minutos de quando em quando... Passo-os aqui na «Guimarãis»... Não se está mal...

— E como gostariam de passar as tardes de verão?

A resposta de Assis Esperança vem embrulhada num sorriso bem simpático.

— Se pudesse, passaria tôdas as minhas tardes, estendido à sombra das árvores...

Ferreira de Castro sorri:

— Sou da mesma opinião...

Não achamos nisso qualquer coisa de extraordinário. O leitor conhece a amizade profunda e consciente que liga os dois escritores? É bem evidente. Podem-se mesmo considerar dois inseparáveis.

O fotógrafo acerca-se com a máquina preparada. O amigo Martins pára de tocar ritmos esquisitos com o lápis e vem até nós, brandindo um papelinho salpicado de contas.

— Calculem... Faltam-me 350 escudos...

Aproveita-se a ocasião e tira-se uma fotografia, não antes que Ferreira de Castro, apercebendo-se do que se ia passar, acorresse a pôr elegantemente o chapéu na cabeça...

Antes de sair, queremos saber as próximas novidades da «Guimarãis». É o amigo Martins que nos informa. Assis Esperança tem quási concluído um romance: «Ainda há luz nos montes». Manuel Ribeiro cuida de «Sarça ardente», um romance sôbre o Alentejo.

CAFÉ, CERVEJA E ÁGUA

Faltam cinco minutos para as três da tarde, no momento em que transpomos a porta da Brasileira do Chiado. Uma rápida olhadela indica-nos qualquer mesa que nos interesse. Esta, por exemplo, onde estão abancados Castro Soromenho e Manuel Anselmo.

— É aqui que passam as tardes de verão?

— Eu — diz Soromenho — divido o meu tempo entre o café e a revista onde trabalho... De tarde, não escrevo para mim.

Manuel Anselmo prepara-se para registar a sua resposta. Duas vezes a tenta, mas sem resultado... Castro Soromenho está embalado. E descreve-nos a maneira como trabalha. De noite, pensa. De manhã, escreve. À tarde, repousa, na medida que lhe é possível. Manuel Anselmo faz outra investida e chega a pronunciar «Mas eu...». Contudo e de novo, Castro Soromenho volta à superfície.

— Agora, estou escrevendo um romance, a que dei o título de «Homens sem caminho» e preparo duas biografias, uma sôbre Ferreira de Castro e outra, romanceada, acêrca de Silva Pôrto.

Então, Manuel Anselmo dá largas às palavras que tinha amontoado.

— Hoje, é uma excepção eu estar aqui, a esta hora... As minhas tardes passo-as encafuado no Ministério dos Estrangeiros, onde trabalho. De manhã, sim, de manhã é que «vivo» na Brasileira. De noite, não saio. Prefiro ficar em casa a ensinar instrução primária à minha filhinha.

Mesmo sem ser poeta, Manuel Anselmo exprime-se poèticamente quando fala de sua filha...

A mesa, encontra-se cheia de cervejas e de cafés e de copos de água. Três características diferentes. A cerveja representa Manuel Anselmo. Vivacidade, entusiasmo, palavras largas, gestos grandes. O café pertence a Castro Soromenho. Melancolia, meditação, nervosismo. A água, é para nós. Tanto pode simbolizar o calor que nos aperta, como a calma indiscrição de jornalista.

Tagarelamos mais uns minutos. Manuel Anselmo diz-nos que actualmente tem quási terminado um romance: «A noite é cúmplice». Depois, escreverá «Os últimos», o drama das crianças de hoje e, mais tarde, uma obra grande, «Conhecimento dos autores», que lhe levará possìvelmente uns dez anos de trabalho.

UM HOMEM NO MEIO DOS LIVROS

Pela porta aberta da Biblioteca da Imprensa Nacional deitamos uma espreitadela. Livros. Muitos livros. Estantes cheias de livros. Mesas cheias de livros. Entre os livros todos, um homem apenas: João Gaspar Simões. Deve ser um dos nossos escritores que, mesmo quando não trabalha literàriamente, se encontra sempre, num ambiente de literatura.

À nossa primeira pregunta, à da praxe, João Gaspar Simões sorriu-se...

— Passo as tardes de verão, aqui, nesta Biblioteca. Depois, quando saio vou pela «Portugália» e geralmente acabo por me sentar em qualquer das esplanadas da Avenida... As esplanadas são os melhores sítios de Lisboa, no verão.

— Mas como desejaria passar estas tardes?

— Na praia, naturalmente...

De seguida, a interrogação muda para as obras que prepara. Está escrevendo dois ensaios: «Prosa e romance contemporâneo» e «A poesia contemporânea». Enquanto fala, João Gaspar Simões parece medir as palavras que diz. Não se esquece que é crítico...

UM GRUPO À PORTA DA «BERTRAND»

A conversa estava animada, com certeza. De longe, distinguimos um grupo especado à porta da «Bertrand». Estavam ali Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e António Sérgio.

— Tôdas as tardes por aqui, não?

Aquilino e Sérgio olham-nos surpresos, não percebendo bem qual o nosso objectivo. Ferreira de Castro, que já tínhamos encontrado na «Guimarãis», diz-lhes, porém, qualquer coisa e três sorrisos aparecem no grupo.

António Sérgio reduz o sorriso a uma sombra pálida:

— Nem sempre... Apenas, quando tenho tempo. Desde que estou em Portugal, manhãs, tardes e noites sòmente me servem para trabalhar.

Aquilino Ribeiro abre o sorriso:

— Sim, geralmente, passo por aqui. É um vício que tenho, o de vir «cheirar» o Chiado tôdas as tardes... Gosto da gente que passa. Dos encontrões, do perfume das mulheres, da vida própria do Chiado...

Aquilino Ribeiro conversa com uma facilidade surpreendente. Não é cauteloso como Gaspar Simões, nem pensativo como António Sérgio, nem entusiasmado como Manuel Anselmo. Aquilino Ribeiro é Aquilino Ribeiro.

De livros novos, ficamos a saber que António Sérgio está escrevendo um ensaio: «Sôbre a inteligência» e que prepara, para um dia, o segundo volume da sua «História de Portugal».

Por seu lado, Aquilino Ribeiro, publicará, de colaboração com Ferreira de Miro, uma biografia de Brito Camacho e tem, entre mãos, um romance «Dez réis de gente».

O grupinho separa-se, António Sérgio vai às suas lições, Aquilino arrasta Ferreira de Castro consigo e os dois descem a rua Garrett, sentindo os encontrões, o perfume das mulheres, a vida própria do Chiado...

Chiado abaixo também, abalamos nós depois, em procura de mais algum depoimento curioso que possa interessar ao leitor. Súbito, lembramo-nos: Talvez uma visita à «Casa do Livro» não seja infrutífera de todo. E não é mesmo. De entrada, lobrigamos imediatamente o dr. Luiz Oliveira Guimarãis e Alice Ogando a desarrumar as prateleiras cheias de livros.

O fotógrafo faz uma «foto» precisamente num dêsses momentos de «bisbilhotice» e quando se acerca dêles um dos gerentes da casa, o Pedro de Andrade.

Luiz de Oliveira Guimarãis confessa-nos que passa as suas tarde sempre da mesma maneira: trabalha, escreve, conversa, passeia, lê e faz humorismo (isto não disse êle mas escrevemos nós). Contudo, há um dia no mês, em que vive umas tardes ideais, de «papo para o ar», segundo a sua própria expressão. É o dia 21, em que recebe o ordenado... E o humorista não deixa passar a ocasião:

— Percebe? Recebendo o ordenado a 21, até os meses me parecem mais pequenos...

Não sei se o leitor já reparou mas Luiz de Oliveira Guimarãis é humorista, duzentos por cento. Mesmo quando está calado, os olhos, os gestos dêle, fazem humorismo connosco...

Prepara uma peça para a Companhia Maria Matos.

— O título? — preguntamos nós, como é da praxe.

Êle sorri, deixa de sorrir e torna a sorrir:

— O título? É talvez melhor não dizer... É a «Ditadora»... Mas não escreva isto, não?

Dizemos que não e escrevemos mesmo.

Alice Ogando tem um horário. Às duas horas, sai de casa; às três está na «Guimarãis»; às quatro passa pela Casa do Livro; às cinco vai beber um chàzinho à «Marques» ou ao «Chiado»; depois pela tardinha parte em procura do jantar e à noite escreve até às quatro da madrugada.

Quando lhe preguntámos como gostaria de passar as tardes de verão, Alice Ogando ri um riso alegre, saltitante, engraçado:

— No Estoril, numa casa que fôsse minha, comprada com os direitos de autor ou com a sorte grande.

De seguida Alice Ogando, gentil como sempre — e quando deixa ela de ser gentil? — diz-nos que concluiu um romance para a «Guimarãis» que tem em preparação uma série de contos subordinada ao título geral de «Era uma vez» e que possìvelmente fará ainda sair um livro de versos «Coração, brinquedo raro...»

EIS COMO PASSAM AS TARDES DE VERÃO ALGUNS DOS NOSSOS ESCRITORES. (De cima para baixo e da esquerda para a direita): À porta da «Bertrand» — Aquilino Ribeiro, António Sérgio e Ferreira de Castro. No Café «Chiado» — Manuel Anselmo e C. Soromenho. Na Imprensa Nacional — João Gaspar Simões, com Gentil Marques. Na «Casa do Livro» — Luiz Oliveira Guimarães e Alice Ogando, com o livreiro Pedro de Andrade. Na Livraria «Guimarães» — Assis Esperança e Ferreira de Castro, com o livreiro Martins.

Ladrão que rouba a ladrão

conto inédito de Mário Domingues

O arqui-milionário John Smith festejava com grande pompa os anos de sua filha Daisy, que atingira nêsse dia a maioridade. O rei das motocicletas não deixava os seus créditos por mãos alheias. Tudo o que havia de melhor na alta sociedade novaiorquina estivera no sumptuoso palácio da Centésima Avenida: escritores, poetas, magistrados, militares, políticos, homens da Finança e da Indústria — principalmente, muitos homens da Finança e da Indústria.

Smith mostrara-se radiante na grata tarefa de atender tantos convidados; sua espôsa, que já ultrapassara os cinqüenta e platinava o cabelo para dissimular as cans, julgando-se jovem, abusava um tanto dos «cocktails», e «miss» Daisy, a festejada, ostentando o seu novo colar de pérolas, cujo preço fabuloso se murmurava com respeito, abusara dos «foxs» nos braços de Jack Gold, filho de Gold, milionário como Smith, mostrando assim marcada predilecção de herdeira de milhões por um herdeiro da sua categoria.

Pela madrugada, o ardor da festa principiava a esmorecer. Os salões foram-se esvaziando e, lá fora, no jardim que circundava o palácio, roncavam os motores dos luxuosos carros dos ilustres convidados, que se retiravam, dizendo, como de costume, mal de quem generosamente os recebera.

O banqueiro Henry Brown fôra o último a ausentar-se. Parecia muito interessado em certa combinação financeira que John Smith lhe propunha. Durante mais de uma hora, o industrial das motocicletas e o malabarista dos dólares, conversavam de milhões, jogando-os desta para aquela transacção como «tennistas» arremessando bolas de borracha. Smith alinhava em série os seus valores industriais e, sem auxílio de papel nem lápis, somara em segundos cem milhões de dólares. Era uma quantia astronómica. Mas, nem por ser tão grande deixou de gravitar amplamente, como astro na imensidade, pela imaginação prodigiosa do banqueiro que, em cálculos relampejantes, os manejava, ali, no recanto da sala sussurrante de mil conversas fúteis, transformando-os num lucro de cem por cento. Duzentos milhões de dólares! A operação era tentadora.

O banqueiro Henry Brown acariciava, num movimento peculiar da sua mão faiscante de jóias, a calva mal disfarçada sob uns cabelitos grizalhos alizados a jeito, e, após um breve instante de silêncio, inquiriu:

— E quando efectuariamos o negócio?

— Amanhã mesmo, se fôsse possível. O caso urge; não devemos deixar fugir a oportunidade — pronunciou John Smith, traindo, por ligeiro tremor de voz, uma certa comoção.

O banqueiro desceu ao tapete os seus olhitos de rato, muito espertos, tornou a afagar os escassos sobejos de uma cabeleira, que fôra anos antes todo o seu orgulho, e disse depois, sizudo e grave:

— Tudo isso seria possível, meu caro Smith, se acaso os homens do seu partido não tivessem perdido estùpidamente as eleições. Era um decreto de duas penadas... Só com o apoio do Estado poderíamos tirar afoitamente do negócio todo o seu proveito. E o Estado está com os seus adversários...

John Smith ficou calado, a morder nervosamente os lábios. Passou, em redor, pelo deslumbramento do vasto salão iluminado, um olhar triste, e o ambiente da sua casa de milionário pareceu-lhe desolado. O «jazz» emudecera e os músicos tinham-se retirado por falta de pares dançantes, a mulher e a filha, fatigadas e tontas das bebidas, haviam desaparecido sem se despedirem, os móveis quedaram em desordem como despojos de batalha e a luz, a luz feérica, com sua inundação violenta, eliminando sombras e endurecendo contornos, pareceu-lhe indiscreta e hostil como imensa pupila severa que tentasse devassar-lhe a consciência.

O banqueiro Henry Brown, depois de o observar furtivamente, dissimulou um sorriso fugaz e despediu-se.

— O travesseiro é bom conselheiro — sentenciou êle. — Durma sôbre o caso e depois falaremos.

Era uma promessa vaga que, longe de confortar o rei das motocicletas, o tornára mais sombrio.

Depois de acompanhar o banqueiro até ao alto da escadaria de mármore, John Smith voltou atrás. De uma porta, espreitou ainda o enorme salão vasio e, como se o silêncio, a quietude e a vastidão da casa lhe causassem mêdo, voltou precipitadamente as costas, tomou por um corredor alcatifado que lhe devorava o som dos passos e foi aninhar-se no fundo de um «maple», no seu gabinete de trabalho, muito acolhedor e aconchegado, imerso numa penumbra discreta e bemfazeja.

Decorreram assim largos minutos. O palácio mergulhara em profundo silêncio. Lá fora, a cidade dormitava, sobressaltada, de longe em longe, por um «klaxon» mais impertinente. Seriam umas quatro e meia da madrugada.

De súbito, John Smith ergueu-se do «maple», num movimento brusco, vagueou pelo gabinete, a passo rápido, de um para outro lado, como se quisesse sacudir o torpor que o invadira e, por último, mais sereno, foi sentar-se à larga secretária de madeira preciosa, banhada por uma dôce luz, que deixava em tôrno tudo mergulhado em meia sombra.

O milionário, depois de folhear alguns documentos, começou a alinhar, num quadrângulo de papel liso, como numa parada, números simétricos como fileiras de soldados. Esta tarefa alheava-o de-certo do mundo exterior. Aquelas cifras inumeráveis, aqueles algarismos hirtos e perfilados, talvez animados de uma vida mágica, apossaram-se da alma do industrial, como um exército dominando um país vencido. Na grande quietação da madrugada, John Smith só vivia por êles e para êles.

Mas o sossêgo do gabinete foi quebrado, de chofre, por um estalido sêco. Smith ergueu a cabeça bruscamente e mal pôde reprimir um grito, ao ver, sombrio e terrível, na sua frente, um homem mascarado, de pistola apontada à sua fronte.

— Nem um movimento, nem uma palavra — pronunciou o intruso em voz baixa, mas imperiosa.

Com a respiração opressa, o industrial permaneceu quieto a fitar aqueles olhos que, através das órbitas sombrias da mascarilha negra, o fixavam magnèticamente, como as pupilas de um réptil.

— Levante-se e não tente reagir, para não transformar um ladrão num assassino — ordenou o desconhecido no mesmo tom dominador.

John Smith obedeceu, silencioso.

— O senhor fêz muito mal em não se deitar a tempo e horas — disse o assaltante, quando o viu de pé. — Poupava-se um encontro desagradável e evitava-me maçadas. Tenho as chaves do cofre, tenho tudo e trabalharia mais à vontade, sem a sua presença. Mas, paciência... Já que tem que assistir ao meu trabalho, aconselho-o a permanecer quieto, sem me interromper. A propósito, traz armas consigo?

O industrial respondeu negativamente, com a cabeça. O desconhecido, porém, não o acreditando, palpou-lhe ràpidamente os bolsos. Tranqüilizado, meteu a pistola na algibeira e, entreabrindo o peitilho engomado da camisa (o gatuno envergava trajo de cerimónia como os honestos convidados da festa), principiou a desenrolar do tronco uma fina corda, muito resistente.

— Vou amarrá-lo e amordaçá-lo, para que o meu amigo não grite, nem esperneie com algum ataque de nervos, estorvando a minha honesta missão...

— É escusado — disse o milionário, que, pouco a pouco, fôra recuperando a serenidade. — Não é preciso manietar-me. Não gritarei, nem espernearei. Juro-lhe pela vida de minha filha.

O mascarado parecia hesitar.

— Dou-lhe a minha palavra de que não o perturbarei — afirmou Smith, cheio de convicção.

— Pois, sim... Mal eu saia do gabinete, dará o alarme e a polícia deitar-me-á a mão...

— Garanto-lhe que não procederei contra si — tornou o grande industrial. — Aliás, não terei fundamento para proceder, porque o seu trabalho será inútil.

— Inútil?

— Sim, inútil — insistiu o rei das motocicletas. — Por muito estranho que lhe pareça, àparte dois ou três mil dólares, uma miséria que qualquer «gangster» de categoria despreza, o senhor não encontrará nes-e cofre senão papéis sem utilidade para si.

O mascarado soltou uma rizadinha abafada.

— Escusa de me enganar — disse êle. — Seria engraçado, um homem de bem intrujar um criminoso!...

— Dou-lhe a minha palavra de honra que falo verdade — acudiu Smith, mais acalorado.

— A palavra de um industrial e milionário não vale nada para um «gangster» — pronunciou o desconhecido, com severidade. — Os senhores são muito menos fiéis à palavra dada do que nós, os que vivemos à margem da Lei.

John Smith encolheu os ombros, céptico.

— Talvez... A gente jura falso, muitas vezes — retorquiu êle. — Mas desta, não minto.

— Não o acreditarei, sem verificar com os meus próprios olhos. Deixe-se estar quieto. Se tentar hostilizar-me, perde-se e perde-me. Seria a primeira vez que cairia nas garras da polícia. Trabalho há muitos anos, sem precalços. Não quero estragar hoje uma carreira limpa...

Proferidas estas palavras, o «gangster» dirigiu-se a passo resoluto para o fundo do gabinete, onde se avistava o vulto negro de um cofre, meio diluído na sombra.

Smith quedou de pé, junto da secretária, sem esboçar sequer um movimento. Tôda a sua vida, naquele instante, se concentrava nos seus olhos para observar o intruso. Aquele homem, velado embora o rosto pela mascarilha negra, coberta a cabeça por uma boina preta enfiada até às orelhas, não lhe era totalmente estranho. Recordava-lhe alguém muito da sua privança. O andar resoluto, o tom acre da voz, a estatura reforçada sugeriam-lhe um nome que não lhe chegava à língua. Talvez não tivessem decorrido muitas horas que lhe houvesse falado, apertado a sua mão com delicadeza, mesmo com amizade...

Entretanto, o «gangster» abrira o cofre, com um à vontade tão peculiar nos homens da Finança como nos homens do «gang», remexera nas gavetas, folheara papéis, espreitara nos recantos. Depois, tornou a fechar o monstro de ferro, deu volta rápida às chaves e voltou a passo lento para junto do industrial, que lhe disse triunfante:

— Acredita agora na minha palavra?

— Desta vez acredito — respondeu o intruso. — Quando os senhores falam verdade, é caso para deitar foguetes...

John Smith esboçou um sorriso amargo e murmurou:

— Era preferível que tivesse mentido. Mas digo-lhe mais: o que o senhor viu no cofre — um mísero punhado de dólares — bem feitas as contas, não me pertence, como não me pertencem êste palácio, nem os automóveis de luxo, nem as minhas fábricas que são as maiores do mundo. Raras vezes os bens dos homens ricos lhes pertencem; estão transitòriamente nas suas mãos...

— E, no entanto, tôdas essas coisas valem alguns milhões de dólares... — rosnou sob a máscara o assaltante.

— Valem cem milhões de dólares — proferiu o industrial com tanta naturalidade como se dissesse: «valem cem mil réis».

Pelas órbitas da mascarilha, o «gangster» espreitava Smith com certa curiosidade.

— Uma bagatela... — comentou êle, com ironia. — Apenas mais cem vezes o valor da minha fortuna, conquistada em dez anos de aventuras árduas, sob o risco iminente de ir parar à cadeia e tudo perder, num só momento.

John Smith sacudiu tristemente os ombros e redarguiu:

— Não se lamente. O senhor conseguiu amealhar essa fortuna, que é razoável, e pode àmanhã abandonar o seu trabalho, recolhendo pacatamente à vida privada para gozar o que ganhou. Tem dívidas?

— Não!

— Ah! Como eu o invejo! Não tem dívidas, nem tem que dar conta dos seus actos, porque vive fora da Lei... É um homem feliz... De uma felicidade invejável...

— E o perigo?

— Ora, ora, o perigo!... — exclamou Smith, com certa impaciência. — Que representa o perigo de ser preso um dia, conseguindo talvez guardar a fortuna a bom recato, comparado com as responsabilidades de um homem como eu, como tantos na minha situação?

— A perda da liberdade... — ia a objectar o «gangster».

— Não diga tolices! — interrompeu o industrial. — Não há ninguém que goze de menos liberdade do que o chamado homem livre, que vive dentro da Lei. Vivemos numa cadeia, com a ilusão de que fazemos o que queremos... Ah! Se nós pudéssemos fazer o que queremos!... Livres são os senhores. Se, num golpe mal sucedido, um «gangster» se arrisca a perder esta liberdade convencional de que tanto nos orgulhamos, o mesmo pode acontecer a um industrial que abra falência.

Quedaram ambos um instante calados, fitando-se demoradamente. O intruso devia estar muito interessado nos raciocínios do milionário, porque arrastou um «fauteuil» para junto da secretária, sentou-se com ripanso, abriu sua cigarreira de ouro cravejada de brilhantes e pronunciou com gentileza:

— Queira servir-se... e sentar-se. Está na sua casa...

O rei das motocicletas chegou o seu acendedor de platina ao cigarro do ladrão e acendeu o seu em seguida.

— O senhor que, no íntimo talvez me inveje, é um homem muito mais feliz do que eu.

— Mas menos rico, e corro tantos riscos como o senhor — objectou o desconhecido.

— Sim, — anuiu o industrial — a vossa profissão é arriscada e, em certos casos, muito semelhante à nossa. O senhor, tal como eu, tem que ser audacioso nos seus golpes; o senhor, com uma aventura, deixa às vezes uma família arruinada; nós, os homens de negócios, com um simples movimento de cifras na Bôlsa, arruinamos milhares de famílias. O senhor chega a fazer uso violento das armas para obter os seus lucros; nós chegamos a promover conflitos armados em que morrem milhões de pessoas. O senhor tem que ser astucioso, rapace ou cruel. Nós, segundo as circunstâncias, temos que ser igualmente astuciosos, rapaces ou cruéis. Generosos, raras vezes.

— Nós, os «gangsters», não somos tão hipócritas como os senhores — pronunciou o desconhecido num tom sibilino em que Smith julgou adivinhar uma pessoa da sua intimidade.

— Concordo. Por isso, a Providência vos compensa dessa boa qualidade: têm mais independência. O que conquistam é vosso, sem a menor sombra de dúvida. Ao passo que nós, enredados em leis que pretendem mascarar de honestidade a nossa rapina, manejando convenções mais apertadas do que as malhas de uma rêde, se nos julgamos vitoriosos. Sofro maiores torturas morais do que êle. De que me serve tôda esta ostentação de felicidade se àmanhã não tenho vinte mil dólares para pagar uma letra. Você julga que lhe minto? Depois da sumptuosa comédia com que festejei os anos de minha filha, depois de a presentear com um colar caríssimo, tudo para manter a minha categoria de milionário, estava eu aqui, a esta hora, dando tratos à imaginação para hoje pagar uma letra de uns riosos, é precisamente quando mais embaraçados nos encontramos. Criamos uma ilusão de felicidade. Atribuímos à riqueza um prestígio de ventura que ela não tem. Para acumular ouro, levamos a vida inteira a praticar hediondos crimes — desde o furto ao assassínio — sempre hipòcritamente defendidos por uma Lei feita à nossa imagem e semelhança.

O mascarado quedou pensativo.

— Tudo para depois de largos anos de extorsões, crimes, vilanias, em vez de alcançarmos o sossêgo de nossas almas, nos encontrarmos mais nus e pobres do que o homem das cavernas.

— Nus e pobres, com ricos fatos, sumptuosos palácios, mil confortos... — insinuou o «gangster» com ironia.

— Ilusão, meu amigo, pura ilusão, que só mascara uma nudez mais nua e uma pobreza mais atroz, porque vivem cercadas de riquezas — pronunciou o milionário em amargo tom. — Não há tesouro que pague a consciência do dever cumprido para com a Humanidade. Não há riquezas que redimam o criminoso impune. Enquanto houver um desgraçado sôbre a terra não pode haver milionário que se sinta inteiramente feliz. Todos os criminosos — mesmo os que se julgam impunes — são condenados à sua penitência, todos! E a nossa, a dos chamados milionários, cumpre-se sofrendo entre delícias.

— Pois eu julgava-o um dos homens mais ricos e mais felizes do mundo — murmurou o «gangster», que parecia tomado de grande respeito por aquelas confidências.

— Engano, puro engano! — redarguiu o rei das motocicletas. — Se eu lhe disser que sou mais pobre e desventurado do que o Zé Ninguém que me pede um dólar para jantar, não lhe minto. Qual é tôda a riqueza do pobre? Umas escassas moedas. Qual é tôda a minha riqueza? Cinqüenta milhões de dólares de dívidas.

— Ainda há pouco o senhor me disse que os seus palácios, as suas fábricas, as suas propriedades valiam cem milhões de dólares — lembrou timidamente o ladrão.

— Mas devo cento e cinqüenta milhões! — bradou o industrial, exaltando-se. — Cento e cinqüenta milhões! Sou mais pobre do que o pobre a quem dou míseros vinte mil dólares. Quem acreditará que eu não os possuo? Quem me acudirá com essa ninharia? Os colegas que hoje vieram à minha festa? Êsses, que sofrem na intimidade torturas semelhantes à minha, não me acreditariam, e, se me acreditassem, seria para me abrirem falência, arremessando-me para a cadeia. Seria o escândalo, a vergonha, a ruína. O meu amor-próprio não poderia resistir a êsse abalo. Preferia a morte. Sim, porque nós, homens de negócios, somos tão fracos que até temos orgulho das situações monstruosas que criamos por nossas próprias mãos. Somos capazes de morrer por esta ilusão de felicidade.

O ladrão espreitava-o por detrás da máscara. Um lampejo de piedade adoçou o seu olhar.

— Ainda não há muitas horas — murmurou Smith em voz sumida — que eu empreguei os melhores esforços para resolver a situação desesperada em que me encontro. Tentei, desculpe-me a expressão, um golpe à «gangster». Propus ao banqueiro Henry Brown um negócio de cem milhões de dólares. Era a salvação. Mas, meu caro amigo, Brown não se deixou assaltar!... Deu-me uma desilusão idêntica à que o senhor sofreu agora comigo... Com uma simples diferença: êle tem dinheiro e eu não o tenho. O senhor pôde abrir o meu cofre, eu não pude abrir o dêle, porque, embora de intuitos parecidos, os meus processos diferem dos seus...

Calou-se, uns momentos, para ajuntar depois, em voz mais sucumbida:

— Quando o senhor chegou, fazia eu precisamente as minhas contas. Estão aí, que se podem ver. Acabava de apurar o meu passivo: cinqüenta milhões de dólares, números redondos. E com o agravante de não encontrar solução para a insignificante dificuldade de hoje, a tal letra de vinte mil dólares que, não sendo paga, me impele para o abismo. Encontrava-me perante êste dilema: matar-me ou fugir.

— Porque não foge? — inquiriu comovidamente o «gangster». — Porque não se liberta dessa engrenagem que, esmagando-o, o obriga a esmagar os outros? O senhor, noutro país, com outro nome, ainda estava a tempo de, servido pela dolorosa experiência do presente, construir vida nova em bases sãs.

John Smith abanou tristemente a cabeça.

— Ah, meu querido amigo, quantas vezes eu tenho sonhado com a libertação! Deixar esta sociedade hipócrita que me cerca e oprime, não odiar, nem ser odiado, abandonar palácios, esquecer fábricas, ignorar vaidades e refugiar-me noutra paragem na Terra, na Patagónia, na Polinésia!...

«A liberdade não está em mudar de terra; está em mudar de alma. Eu sòzinho, porém, não tenho fôrças para me abalançar a tal cometimento. Precisava que me ajudasse a Humanidade inteira! É mais difícil fazer uma alma nova do que construir uma fábrica gigantesca...

— Conforme... — murmurou o «gangster» comovido. — Uma alma vil redime-se, por vezes, num minuto de decisão, por um acto nobre.

Um palor muito leve principiou a tingir de lilaz as vidraças da janela.

— É quási dia! — exclamou o ladrão, sobressaltado. — Desculpe, são horas de me retirar...

Ergueu-se do «fauteuil». John Smith ergueu-se, por seu turno, quási cerimonioso.

— Não se incomode por minha causa. Deixe-se estar sossegado — disse o ladrão. — É escusado acompanhar-me... Eu sei o caminho... Muito bom dia.

Dirigiu-se a passo ligeiro para a porta. Smith, ao vê-lo afastar-se, reparando melhor no seu andar, mal pôde abafar um grito de surprêsa. Julgava, enfim, reconhecer no «gangster», o banqueiro Henry Brown.

O intruso, entretanto, detivera-se bruscamente no limiar da porta, como se hesitasse. Depois, resoluto, voltando atrás, disse:

— Sabe, senhor Smith, que as suas palavras comoveram-me profundamente?

O industrial sentia-se tão perturbado que mal podia ordenar os seus pensamentos. Seria realmente aquele homem o banqueiro Brown? Como se arrependia de lhe ter confessado as suas intenções de extorquir-lhe uma fortuna, num golpe de «gangster»!

O homem levara a mão ao bôlso interior da casaca, tirara um pequeno livro e, mesmo no rebordo da secretária, parecia tomar um apontamento apressado. Smith nem punha sentido no que seus olhos viam.

O desconhecido arrancara uma fôlha do seu bloco e depusera-a em frente do milionário, dizendo:

— Não se ofenda. Aqui tem um cheque de vinte mil dólares para pagar a letra.

Smith nem pôde agradecer, embargada a voz pela surprêsa.

Quando, enfim, recuperou o uso da fala e quis correr atrás do «gangster» para o abraçar, já o vulto se tinha sumido como sombra que se diluísse na sombra dos corredores silenciosos.

O milionário desceu então o olhar assombrado sôbre o cheque. Eram realmente vinte mil dólares. Com o coração em sobressalto, decifrou a assinatura. Não, não era do banqueiro Brown, como suspeitara, era do poeta White, o lírico cantor de venturas inacessíveis, que, essa noite, na festa pomposa, recitara versos maravilhosos!...

Então, Smith chorou de tanto rir. É que êle não tinha que pagar letra alguma e os cinqüenta milhões apurados nas suas contas, não eram de «deficit» — eram de lucro, um monstruoso lucro!

AS MULHERES DÃO IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO PARA O ESFÔRÇO DE GUERRA DA GRÃ-BRETANHA. O número das que abandonam as suas casas e ocupações para se alistar nos serviços auxiliares é muito elevado. Todo o povo britânico se junta assim para a realização dos seus objectivos. E não deixa de ser expressiva esta foto que nos apresenta duas raparigas dos serviços da Armada treinando-se no manejo dos modernos canhões anti-aéreos.

A MULHER inglesa na guerra

Vida MUNDIAL Ilustrada